

O LUTO DO SOBREVIVENTE E A POSVENÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO

THE SURVIVOR'S GRIEF AND POSVENTION AS A CARE STRATEGY

Rayane Ribeiro dos Santos¹
Maíra Ellen Santos Brito²
Jacqueline Maria Alves de Santana Caldeira³

RESUMO: O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo central, investigar o luto por suicídio e o entendimento de profissionais de saúde a respeito da posvenção, por meio de uma revisão narrativa de literatura. A busca de referências teóricas foi realizada de março até maio de 2022 com os descritores: “posvenção”, “luto do sobrevivente”, “sobreviventes por suicídio”, “luto” [AND] “suicídio”, “sobreviventes [AND] suicídio”. Foram incluídas publicações de artigos, disponíveis na íntegra e de forma gratuita, no idioma português, com espaço temporal de 5 anos. Na etapa de levantamento bibliográfico, utilizou-se as seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), totalizando 10 artigos que compõem o corpo desta pesquisa, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Dentre os resultados obtidos, a partir desta revisão, observou-se que a possibilidade de desenvolver o luto complicado é aumentada quando se refere a perda por suicídio, em razão das especificidades desse tipo de luto e os estressores intensamente presentes. A posvenção trata-se de ações de cuidado aos enlutados por suicídio, afim de atenuar os impactos causados por essa perda e prevenir que desenvolva complicações, evitando a ocorrência de contágio também. Conclui-se que há uma escassez de pesquisas científicas referentes ao luto do sobrevivente e a posvenção. Esse trabalho serve como agente de comunicação para a população, principalmente para os profissionais de saúde, como meio de conscientização, orientação e compartilhamento da relevância do tema.

Palavras-chave: Posvenção; Luto do sobrevivente; Sobreviventes por suicídio; Suicídio; Profissionais de saúde.

ABSTRACT: This present study aim at investigating mourning for suicide and postvention by the understanding of health professionals through a narrative review of literature. The search of theoretical references it was accomplished from March to May in 2022 using descriptors: “postvention”, “survivor’s mourning”, “suicide survivors”, “mourning” [AND] “suicide”, “survivors [AND] suicide”. Publications of articles available in full and free of charge, in the Portuguese, with a time space of 5 years were included. In the bibliographic survey stage, the following databases were used: Virtual Health Library (VHL); Online Scientific Electronic Library (SCIELO) and Electronic Journals in Psychology (PEPSIC), totaling 10 articles that make up this research, after the application of the inclusion and exclusion criteria. Among the results there it is a possibility of developing complicated grief is increased when referring to suicide loss, due to the specificities of this type of mourning and the intensely present stressors. Postvention are caring actions for those bereaved by suicide, in order to mitigate the impacts caused by this loss and prevent it from developing complications, avoiding the occurrence of contagion as well. It was concluded that there is a scarcity of scientific research on survivor’s mourning and posvention. This study is also a communication agent for the population, especially for health professionals, as a means of awareness, guidance and sharing of the relevance of the subject.

Keywords: Postvention; Survivor's Mourning; Survivors by suicide; Suicide; Health professionals.

1 INTRODUÇÃO

O suicídio é considerado um problema de saúde pública, visto que, segundo a Organização Mundial de Saúde (2021), em todo o mundo cerca de 700 mil pessoas se suicidam por ano, sendo esse

fato, a terceira maior causa de morte entre a faixa etária de 15 a 29 anos, em 2019. Esse fenômeno é bastante estigmatizado e condenado socialmente, por ser tachado durante muitos anos como pecado, o que dificulta também o conhecimento sobre os complexos fatores que o envolvem.

Segundo Scavacini (2019), cerca de 12 mil pessoas se suicidam no Brasil por ano, o que corresponde a 1 morte por suicídio a cada 45 minutos. Desse modo, aproximadamente 72.247 pessoas são extremamente impactadas por esse fato (SCAVACINI; CORNEJO; CESCÓN, 2019), já que a cada ato cometido cerca de 6 a 10 pessoas são afetadas (CVV, 2017c). Os sobreviventes, ou seja, todas as pessoas que são afetadas e estão em luto por um suicídio, necessitam de cuidado e atenção que por vezes não lhes são dados, pois esse tipo de perda é invisibilizada por conta do preconceito existente.

A morte por suicídio é considerada traumática, repentina e também julgada socialmente (COOK; JORDAN; MOYER, 2015), ocasionando no sobrevivente o luto envolvido por danos emocionais, sociais e econômicos. Além disso, por conta das particularidades envolvidas nesse tipo de luto, como a culpa, os questionamentos do porquê o suicídio aconteceu e a sensação de desamparo vivenciados pelos sobreviventes, há uma possibilidade maior desse luto se intensificar, ser mais duradouro e causar um prejuízo na execução de tarefas e de papéis dessas pessoas.

Posto isso, é relevante abordar por meio da pesquisa científica, a necessidade de garantir suporte aos sobreviventes, para que enfrentem e elaborem esse tipo de luto de forma saudável. Dessa maneira, os profissionais de saúde possuem um papel primordial para executar essa assistência, através da Posvenção, ou seja, toda ação após o suicídio que oferece cuidado e atenua o impacto gerado pela morte. O trabalho de posvenção previne complicações do luto, tornando-o mais ressignificador, onde o enlutado possa buscar uma existência com sentido. Além disso, é uma tarefa imprescindível, pois possibilita o desencorajamento de ações suicidas. Sendo assim, para Oliveira e Faria (2019), a posvenção trata-se de uma prevenção futura, uma vez que o histórico familiar de suicídio é também um fator de risco.

O objetivo da posvenção, para o psicólogo Edwin Shneidman (1973, apud SCAVACINI, 2018a), criador desse termo, é possibilitar que os sobreviventes tenham uma vida mais plena, com menos estresse e conseqüentemente com mais produtividade.

Os profissionais de saúde são necessários para garantir aos sobreviventes um espaço de escuta, onde sintam-se acolhidos, aceitos e orientados. Os psicólogos, em especial, são os mais adequados para auxiliar os enlutados a compreender o processo que estão vivenciando e ajudá-los a ampliar novas perspectivas sobre os fatos, para que ao longo do tempo, enfrentem uma nova realidade ressignificada (CÂNDIDO, 2011).

Vale ressaltar que no Brasil pouco se fala sobre o luto dos sobreviventes e, principalmente, poucos são os trabalhos de posvenção colocados em prática. A falta de conhecimento em relação a esses aspectos também parte de muitos profissionais de saúde, que durante a graduação não tiveram acesso a disciplinas ou cursos envolvendo morte, suicídio e luto. Há também uma escassez de políticas públicas

que garantam serviços de posvenção, o que, de certa forma, pode contribuir para que aumente o adoecimento da população e também os números de suicídio, pois muitos dos sobreviventes não estão sendo acompanhados por serviços especializados.

O presente trabalho de conclusão de curso propôs investigar o luto por suicídio, bem como o entendimento de profissionais de saúde a respeito da posvenção. Além desse escopo principal, objetivou-se, também, compreender o processo de enlutamento dos sobreviventes diante da perda por suicídio, avaliar as estratégias de posvenção do suicídio e o seu funcionamento no Brasil e abordar sobre o relevante papel dos profissionais de saúde nas ações de posvenção.

2 METODOLOGIA

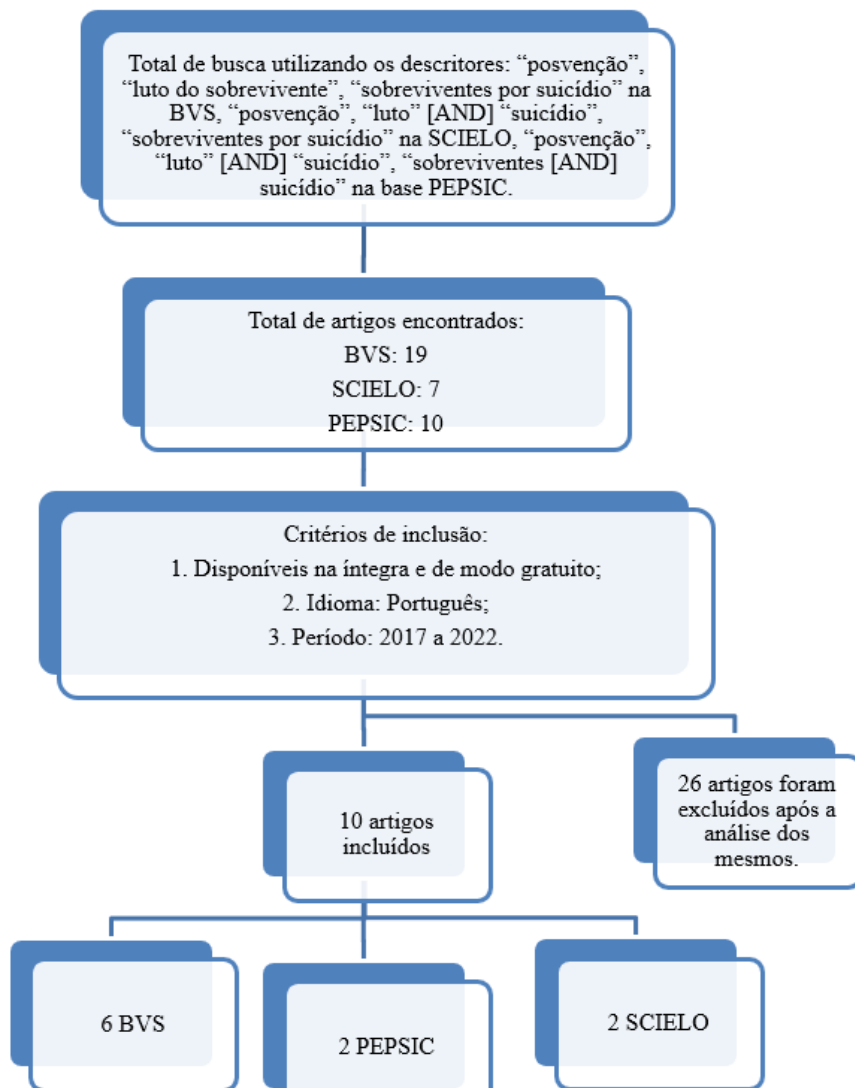
O presente estudo é uma Revisão Narrativa de Literatura (RNL), a qual é definida como uma investigação e discussão mais ampla sobre um determinado tema. Através da RNL é possível que ocorra a exploração e interpretação das pesquisas científicas, proporcionando a descrição e a caracterização desses achados (BRUM et al., 2015).

O desenvolvimento desta revisão teve início a partir da definição do tema, que se refere ao luto do sobrevivente e a importância das ações de posvenção nesses casos. Em seguida, foi criada a pergunta norteadora da pesquisa: “Será que o luto por suicídio é realmente diferente dos outros?” Logo após, estabeleceu-se o objetivo da pesquisa “Investigar o luto por suicídio e o entendimento de profissionais de saúde a respeito da posvenção”. Com a finalidade de responder a questão norteadora, foi realizado o levantamento bibliográfico nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC)

Os critérios de inclusão para o estudo foram: artigos disponíveis na íntegra e de forma gratuita, no idioma português, com lapso temporal de cinco anos; dessa forma, foram incluídas as publicações dos anos 2017 a 2022, devido à pesquisa ter sido realizada no ano de 2022. Em relação aos critérios de exclusão, foram excluídos artigos que não estivessem disponíveis de forma gratuita, aqueles que estavam duplicados e publicações que possuíam uma escassez de conteúdo que não garantisse responder os objetivos da pesquisa.

O levantamento bibliográfico foi iniciado em março de 2022 e prosseguiu até maio do mesmo ano. Para direcionar as buscas por meio das plataformas, foi necessário utilizar alguns descritores. Na BVS foram utilizados: “posvenção”, “luto do sobrevivente”, “sobreviventes por suicídio” obtendo como resultados 19 artigos. Na pesquisa da base de dados SCIELO foram utilizados os seguintes descritores: “posvenção”, “luto” [AND] “suicídio”, “sobreviventes por suicídio”, foram encontrados 7 artigos. Para a pesquisa do PEPSIC foram usados os seguintes descritores: “posvenção”, “luto” [AND] “suicídio”, “sobreviventes [AND] suicídio”, encontrando 10 artigos. Sendo assim, foram contabilizados 36 artigos para leitura, conforme a figura 1.

Figura 1 – Fluxograma no conjunto de materiais encontrados na BVS, SCIELO e PEPSIC, 2022.



Para facilitar o processo de identificação das produções encontradas, foi exposto no quadro 1 a caracterização desses achados, com as subsequentes informações: código do artigo (A1, A2, A3...), título, ano de publicação, periódico e resumo dos resultados. Por fim, foi extraído as informações que contribuíssem no processo.

Quadro 1- Caracterização da produção científica BVS, SCIELO e PEPSIC.

Código	Título	Ano de publicação	Periódico	Resumo dos resultados
A1	Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio	2020	Psicologia em estudo	A iniciativa de duas profissionais da psicologia ao criar um grupo de apoio aos sobreviventes/ enlutados por suicídio possibilitou a população da cidade de Maringá- PR a oferta de um espaço seguro de escuta e de acolhimento, onde há a legitimação do sofrimento, pois se trata de um assunto envolto por um tabu e preconceito, e até então silenciado pela sociedade e pelos próprios sobreviventes. O grupo de apoio permite que a vivência emocional do enlutado

				seja considerada como aceitável e por meio do compartilhamento, os participantes se identificam com a perda traumática. Notou-se inicialmente uma pouca adesão ao grupo, sendo então necessário a ampliação da divulgação para além das mídias sociais, e dessa forma, solicitando que os profissionais de saúde fizessem encaminhamentos dos seus pacientes enlutados para o grupo. Essa atitude proporcionou a explanação de mais informações sobre o luto do sobrevivente para os profissionais de saúde, tornando-os mais ativos na divulgação desse recurso terapêutico.
A2	Suicídio: Peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo	2019	Revista Psicologia Clínica: Rio de Janeiro Vol. 31 N. 2	Há peculiaridades no processo de luto do sobrevivente, especificamente dos familiares, como os sentimentos de vergonha, medo e culpa. A morte por suicídio pode ser considerada como morte traumática, que pode causar a intensificação e o agravamento do luto do sobrevivente. O estigma presente na sociedade, tachando o suicídio como pecaminoso e vergonhoso dificulta a vivência do luto do sobrevivente, pois eles preferem se calar e isolar-se e sendo assim, não recebem o apoio social necessário para ajudá-lo a ressignificar a perda. As ações de suporte pós suicídio que se propõem a prevenir outro ato ou tentativa de suicídio, são chamadas de posvenção, realizadas tanto por psicólogos como também por outros profissionais de saúde mental em um trabalho conjunto.
A3	Propostas de ações do comitê de prevenção e posvenção do suicídio em uma Secretaria Municipal de Saúde	2019	<u>Revista Saúde Pública Paraná</u>	Através de um projeto aplicativo baseado na elevada incidência de suicídio da cidade, se propôs a execução de determinadas ações através da organização do comitê de prevenção e posvenção do suicídio de Maringá PR. Tanto as pessoas enlutadas pela morte por suicídio quanto aquelas que são impactadas de alguma maneira, como profissionais de saúde necessitam de amparo por meio das ações de posvenção. A posvenção possibilita a atenuação do impacto pela exposição e favorece a elaboração do sofrimento.
A4	Comportamento suicida: O paradoxo vida e morte em meio à pandemia de COVID-19	2021	Estudos interdisciplinares em psicologia v. 12 n. 2	A notícia da morte por suicídio é recebida pelas pessoas próximas ao ente querido que faleceu, como um choque, associado ao sentimento de culpa e responsabilização. Por outro lado, há sentimentos também de saudade e tristeza. Esses sentimentos podem provocar o luto complicado que consiste como um fator de risco para que o sobrevivente cometa o suicídio. A partir disso, a importância da posvenção se acentua e essas ações tem a finalidade de facilitar a ressignificação do luto e o apoio a questões psicossociais dos sobreviventes.

A5	Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação	2018	Revista Brasileira de Enfermagem	A pesquisa utilizou como fonte de dados: a entrevista direcionada aos profissionais de saúde do CAPS e aos familiares que tinham diferentes formas de vínculos com a pessoa que cometeu o suicídio. Receber a notícia da morte de um ente familiar por suicídio causa um impacto muito forte, um estado de choque se instala inicialmente. Em um segundo momento, o familiar precisa lidar com a dor e também com o julgamento da sociedade diante do acontecido e a partir daí a culpa se instaura, por não ter conseguido evitar o ato. A fé se torna uma alternativa para voltar a se reestruturar e atenuar o sofrimento. Além disso, a busca por profissionais de psicologia e o apoio de amigos se mostraram como necessários, em contrapartida, alguns enlutados preferem o isolamento.
A6	Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil	2019	Revista brasileira de terapias cognitivas: Rio de Janeiro, vol.15 n.2	O luto pela morte por suicídio trata-se de um luto complicado, visto que é que um episódio brusco e violento que causa nos sobreviventes dor emocional, psíquica e adoecimentos físicos. Os serviços de posvenção auxiliam nesse processo de luto, por meio da escuta e acolhimento, evitando que outros casos de suicídio aconteçam. Apesar que, essa temática ainda é pouco discutida no Brasil, o que dificulta o acesso desse público a essas ações. O profissional de saúde mental é impactado intensamente pela perda de um paciente por suicídio, devido a construção da relação entre eles. O suporte aos familiares enlutados se mostra preciso, necessitando de um preparo para que forneça um acompanhamento apropriado durante esse processo de enlutamento.
A7	Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial	2017	Revista de Psicologia da IMED	O recurso utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada direcionada a cinco profissionais de Saúde em um Centro de Atenção Psicossocial I no Rio Grande do Sul. Foi possível inferir que ainda há uma falha na comunicação dos diversos setores de saúde, o que dificulta o desenvolvimento de um trabalho em rede e multidisciplinar mais eficaz diante dos casos de suicídio. Uma das principais ações ofertadas no CAPS é o cuidado ao familiar, que são assistidos e acolhidos desde o processo de prevenção até a posvenção, dando uma continuidade ao trabalho de escuta e acolhimento.
A8	Luto materno no suicídio: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades	2020	Revista Nufen: Phenom. Interd. Belém v.12 n.3	O impacto na saúde mental das mães que perdem seus filhos por suicídio, pode provocar o desgaste dos relacionamentos familiares. Há estudos que inferem o número alto de estresse e de sintomas graves nos familiares de suicidas, mesmo antes do suicídio acontecer. O artigo traz um relato de uma

				mãe que perdeu o seu filho por suicídio. É abordado que o processo de luto por suicídio se define como o mais destruidor para as mães, já que elas se sentem responsáveis por não ter conseguido evitar a morte, sendo assim, levam consigo a frustração, o sentimento de desamparo, a sensação de impotência e a culpa.
A9	Situações de suicídio: Atuação do psicólogo junto a pais enlutados	2021	Psicologia em estudo- Rio de Janeiro, v. 26	O artigo elegeu como meio de estudo, o acompanhamento psicológico com os pais enlutados por suicídio. Visto que, muitos relatos em reportagens, entrevistas, revistas como a Época, Veja e Isto é, mencionam que os pais desejam cometer o suicídio por se sentirem culpados, sem sentido de viver e por ser um luto mais complexo e insuficiente para lidar. Sendo assim, traz a importância do preparo dos profissionais para compreender a explosão de sentimento em relação a perda dolorosa. Por isso o acompanhamento clínico é paciente, com o objetivo de sustentar o espaço da dor do enlutado neste processo de luto, para que a própria paciência possa ser adquirida pelos pais enlutados.
A10	Fukumitsu KO. Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções. São Paulo: Summus; 2019	2019	Ciência & saúde Coletiva SCIELO	O autor traz os aspectos explanados por Karina Fukumitsu sobre o luto por suicídio e a posvenção. Karina aborda em seu livro, que o luto por suicídio é o mais dilacerante para aqueles que ficam, pois provoca aspectos negativos no psíquico e físico do sujeito. Há um tabu ainda presente na sociedade, dificultando que o sobrevivente busque o apoio necessário, pois é temeroso falar sobre suicídio. A partir disso, a posvenção traz com ela um espaço de acolhimento, sem julgamentos às histórias relatadas. Os grupos de apoio fazem parte dessas estratégias de promoção de suporte e saúde mental.

3 RESULTADOS

Na seleção de artigos para esta revisão, notou-se o destaque do ano 2019, com quatro publicações, seguido por 2021 e 2022, com dois artigos em cada e, por fim, os anos de 2017 e 2018, com um trabalho cada.

As publicações (A1, A7, A8, A9) revelam, em suas pesquisas, diferentes quantitativos de pessoas impactadas por cada suicídio cometido. Cerca de 6 a 12 pessoas são intensamente afetadas (A1). Porém, esse número pode ser maior a depender do contexto que o suicida estava inserido: escola, trabalho e família. Além desses dados, esse artigo traz um dado da National Action Alliance for Suicide Prevention, que revela que cada morte por suicídio impacta 115 pessoas. Segundo (A7) cerca de 60 pessoas são afetadas a cada morte por suicídio, enquanto (A8) relata que cada suicídio afeta seriamente a vida de 6

a 10 pessoas. Deve-se levar em consideração que o Brasil se encontra como o oitavo país em número absoluto de suicídios (A1), o que significa dizer que, de acordo com os dados desse artigo, cerca de uma centena de pessoas por dia são impactadas por suicídio. Essas pessoas que são intensamente impactadas por suicídio, enlutadas e que as vidas foram totalmente reconfiguradas por conta desse fato, (A1) são chamadas de “Sobreviventes”.

A possibilidade de desenvolver o luto complicado é aumentada quando se refere a uma morte por suicídio e isso foi destacado no artigo (A1, A4, A6, A8), devido às especificidades desse luto e os estressores intensamente presentes. O artigo (A1) traz que esse fato está relacionado a fatores como: o sobrevivente estar desprovido de uma preparação, pois a morte é inesperada, a dificuldade em dar um significado para o ocorrido e estressores sociais. O artigo (A2) traz um dado do DSM- 5 que define que, após uma morte traumática há a possibilidade do surgimento do luto complexo persistente, se diferenciando do luto proveniente de causas naturais, em virtude de reações emocionais graves, por pelo menos 12 meses após a morte, causando prejuízos à sua vivência.

As literaturas encontradas (A1 e A8) trazem o tabu e as crenças religiosas como influências no processo de luto por suicídio. O achado (A1) aborda que esse tabu e as questões religiosas impedem que os sobreviventes realizem os rituais de despedida em razão do estado em que se encontra o corpo e também pelo fato de o suicídio ser considerado como pecaminoso. Em (A8), foi encontrado que vivenciar a perda por suicídio é um percurso de dor que é assolador e traumático e que isso está relacionado também ao tabu e crenças religiosas, que veem o suicídio como erro de familiares e amigos.

Em três achados da literatura (A1, A6 e A10) aponta-se que o tabu envolvido no suicídio provoca o silenciamento nos sobreviventes e, conseqüentemente, um prejuízo na vivência do luto. Sendo assim, (A10) os enlutados não buscam suporte dos profissionais de saúde, por medo de falar sobre o assunto. No artigo (A6) é ressaltado que os enlutados se afastam de amigos e familiares por vergonha, além disso, o artigo considera o suicídio como uma tragédia silenciosa, por ser incômodo falar sobre o assunto em uma sociedade com um tabu enraizado, tornando esse processo de dor, um fato que não pode ser dividido. O achado (A10) se refere a esse silêncio como adoecedor.

Consonante a esses aspectos, o artigo (A2) retrata que alguns sentimentos vivenciados pelos sobreviventes podem ser comuns em outros tipos de luto, mas, nesse caso, há algumas reações específicas, como a vergonha e outros sentimentos que provavelmente estão relacionados ao tabu, implicando nos enlutados o surgimento de transtornos psicológicos, como depressão e dependência química. Nesse artigo, também se aborda a diferença da vivência do luto por morte natural e a morte por suicídio, pois, na morte natural há essa facilidade em se falar sobre o ocorrido, sem que suscite no enlutado os sentimentos de culpa, vergonha, medo e não aceitação. Sendo assim, é perceptível nos artigos encontrados, que o estigma que circunda o suicídio provoca fatores de riscos para os enlutados.

Para os problemas relacionados ao tabu e estigma, o achado (A10) enfatiza a relevância do amparo, que precisa ser através de uma comunicação respeitosa, sem julgamentos e recriminações. O

acolhimento adequado deve estar pautado na abstenção de explicações, mas também em compreender a vivência sentida do enlutado, trabalhá-la de forma criativa e autêntica, verificando quais os sentidos do sentimento de culpa e consolidando as ações do aqui-agora.

A morte por suicídio expõe os enlutados à curiosidade da mídia e a de pessoas ao redor (A1, A10), ou seja, há uma invasão da privacidade e intimidade. Segundo (A1), por conta desse fato, pode se desenvolver, nessas pessoas, certa desconfiança e isolamento, o que interfere na busca por ajuda profissional.

Nas pesquisas encontradas, frequentemente aparecem as reações emocionais desenvolvidas durante o processo de luto por suicídio, consideradas como intensas e avassaladoras. A impossibilidade de saber quais as razões para a consumação do ato e a falta de respostas para os questionamentos do porque o suicídio aconteceu (A1), gera uma carga de culpa nesse sobrevivente. A culpa pode estar presente em outros tipos de luto, mas para (A8), se intensifica quando a perda foi por suicídio. Portanto, é o sentimento mais torturante apresentado pelo enlutado, pois faz com que ele entenda que deveria ou poderia ter evitado esse desfecho. Além dos sobreviventes já se sentirem culpados (A9), a sociedade busca encontrar um culpado para a ocorrência da morte.

Em uma pesquisa realizada (A1), inferiu-se que o suicídio é um ocorrido chocante que causa descrença, culpa, vergonha, sentimentos de abandono e rejeição, raiva, medo, alívio, aumento do risco de suicídio e a contínua pergunta do “por quê?”. O achado (A2) traz que os familiares apresentam a sensação de impotência e fracasso, quando sabem do risco de suicídio do ente querido. Já na situação em que a família não havia percebido a presença de ideação e comportamento suicida, apresentam a culpa e a raiva. Como consequência dessas reações emocionais (A2), o sobrevivente sofre com a negação, depressão, dificuldades de ajustamento e de firmar novas relações, o desamparo, baixa produtividade, aparecimento de transtornos mentais e etc.

O artigo (A5) aborda que, com o recebimento da notícia do falecimento por suicídio do ente querido, os familiares entram em um estado de choque. Em decorrência desse fato, muitos deles preferem acreditar que seu ente querido tenha sido vítima de assassinato, considerando que essa vivência seja menos dolorosa do que o ato suicida em questão. Dois achados da literatura (A1 e A5) relatam que para aqueles que presenciaram a cena, o processo de superação é ainda mais difícil, sendo mais propensos aos fatores de riscos. A imagem do ato aparece frequentemente na mente do sobrevivente (A5), causando angústia e sofrimento.

A partir de uma pesquisa realizada com uma mãe enlutada por suicídio (A8), percebeu-se que o processo de sofrimento é vivenciado desde o período antes da morte se suceder, decorrente ao adoecimento da filha. Esse artigo traz que pesquisas demonstram a existência de alto grau de estresse e sintomas graves antes da morte por suicídio. Dessa forma, esse sofrimento antecipado revela que o luto por suicídio é distinto dos outros, mas vale dizer que algumas famílias não percebem e compreendem o risco, por isso muitas vezes são surpreendidas. Em concordância com esse fato, (A1) aborda que antes

mesmo da morte por suicídio acontecer é possível que já havia no contexto familiar transtornos ansiosos e depressivos, ideação e comportamentos suicidas, dificuldades psicossociais e familiares.

O achado (A1), traz uma consideração de que os enlutados por suicídio são impactados por três tipos de trauma: trauma psicológico, quando restauram todo o trajeto doloroso vivenciado pelo falecido; à exposição direta a cena do suicídio, quando se deparam com a cena do ato; e a exposição imaginada, quando supõem uma imagem mental do fato ou do sofrimento vivenciado pelo falecido, antes e quando se suicidou.

Alguns meios utilizados pelos familiares, para ultrapassarem o processo de luto e se construírem (A5), são a fé, “apegar-se a Deus”, o apoio de amigos e vizinhos e a busca pelos profissionais de saúde, principalmente psicólogos. Por outro lado, alguns enlutados preferem se isolar. A fé religiosa beneficia ao familiar enlutado o alívio do sofrimento e ampara na busca de um propósito.

Dos achados encontrados, referentes ao luto do sobrevivente, é notório que em sua grande maioria, o luto em familiares é o que mais aparece. Porém, no achado (A6) foi encontrado que o suicídio é considerado, por alguns profissionais de saúde, como o fato mais perturbador da sua carreira. Nesse artigo são apresentadas as reações pós suicídio descritas por profissionais de saúde, que são elas: choque, fracasso, impotência, descrença, profunda tristeza, culpa e raiva.

No que se refere à posvenção, a publicação (A6) aborda que o objetivo principal da posvenção é auxiliar o processo de luto do sobrevivente na busca por elaboração. Já o artigo (A1), traz que a posvenção trata-se de ações de cuidado aos enlutados, por suicídio, com o objetivo de atenuar os impactos causados por essa perda e, principalmente, diminuir as implicações dos transtornos de estresse pós-traumático, além de prevenir que se devolva um luto complicado durante o processo, evitando a ocorrência de contágio também. Os artigos (A1, A3, A5 e A7) abordam que as ações de posvenção são compreendidas como uma prevenção futura de novos casos de suicídio.

O artigo (A1) traz que a posvenção possibilita que o enlutado esteja ativamente envolvido, auxiliando-o na compreensão do suicídio em sua complexidade e as formas de prevenção, porém, de acordo com o achado (A3), essas ações podem não se restringir apenas a enlutados por suicídio, mas para todos aqueles que de alguma forma se sentiram afetados por esse tipo de morte. Sendo assim, o artigo (A1) aponta que uma importante iniciativa da posvenção deve ser o suporte àqueles que atuam logo após o suicídio acontecer, como bombeiros e socorristas.

O trabalho de posvenção pode ser efetivado a partir da clínica ou da saúde pública, (A4) fornecendo o suporte por meio de informações, apoio de grupos e psicoterapia, prezando pelo acolhimento desse sobrevivente. Além disso, o artigo (A1) revela os instrumentos recomendados no trabalho de posvenção, que são eles: a autópsia psicológica, os grupos de ajuda e a psicoterapia individual.

Os artigos (A1, A2 e A6) mostram o grupo de apoio como um suporte de acolhimento aos sobreviventes enlutados, no qual as suas experiências emocionais são vistas como aceitáveis, já que o

grupo busca proporcionar um ambiente acolhedor, com um espaço de escuta ativa e de reconhecimento da dor do enlutado. Os grupos de apoio são acompanhados de desafios (A1) por conta da dificuldade de aceitação por parte do enlutado, que muitas das vezes provoca o bloqueio em relatar a história da perda, mas ao mesmo tempo se encontra no grupo a percepção e a legitimação de cada relato, possibilitando um processo de ressignificação daquelas vivências.

Na publicação (A2), destacou-se o grupo de apoio como meio importante para distanciar o enlutado de implicações consequentes ao estado de negação apresentado por eles. Posto isto, é notável que o papel do profissional é auxiliar no processo de superação e de enfrentamento ao luto, para que o sobrevivente consiga obter um reencontro com a própria vida.

No grupo de apoio, (A1) os sobreviventes são convidados a iniciar uma caminhada que é gradual, considerando o tempo, o ritmo e as alternativas para ressignificar a dor de cada pessoa. Esse artigo aponta que a troca das experiências, no grupo de apoio, são levantadas pelas psicólogas, para esclarecer e permitir o reparo de conceitos equivocados que podem efetivar a culpa e outros aspectos negativos nesses sobreviventes.

Dentre as pesquisas, foram encontrados alguns institutos que oferecem grupos de apoio aos sobreviventes. No artigo (A6) foi mencionado o Centro de Valorização da Vida (CVV) que trata-se de uma instituição que oferta trabalhos voluntários, gratuitos e disponíveis para toda a sociedade. Reuniões são realizadas mensalmente propondo ajudar os sobreviventes a lidar com suas dores e questionamentos.

Um dos achados da literatura (A7), traz o resultado de uma pesquisa realizada com profissionais de saúde do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde foi relatado que a sua equipe envolve os familiares desde as ações de prevenção até a de posvenção em uma continuidade, através de grupos de apoio que oferecem escuta, amparo e informações. Segundo esse artigo, ao mesmo tempo que esses familiares são como suporte para o usuário com comportamentos suicidas, também são intimamente afetados por um sofrimento psíquico resultado dessa situação, e, portanto, necessita desse acolhimento. Isso infere que as ações desse CAPS são completas. Além disso, o artigo (A6) aborda sobre o Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do suicídio, que tem como objetivo amparar os sobreviventes de maneira gratuita, através das habilidades dos profissionais por meio da escuta e do acolhimento.

Os dados obtidos nos artigos (A2, A6 e A9) mencionam sobre a atuação dos profissionais de psicologia na posvenção ao suicídio, voltada para a proteção dos enlutados. O achado (A6) afirma que os psicólogos têm a função de examinar o sofrimento do sujeito, auxiliar na compreensão dos fatores de risco, das emoções e ajudar a desenvolver novas concepções de vida, já que o terapeuta proporciona estratégias de enfrentamento e conciliação para o enlutado, e nesse processo pode se firmar uma aliança terapêutica que fortalece o atendimento com os familiares. Os artigos (A2 e A9) abordam que os psicólogos podem executar a posvenção, através do acolhimento à dor do enlutado, de uma

psicoeducação, de um grupo de apoio, psicoterapia, informações passadas para as comunidades e de um acolhimento psicológico.

O achado (A10) menciona que é necessário a existência de políticas públicas direcionadas aos enlutados, com a intenção de possibilitar uma visibilidade maior a estas pessoas, além de assegurar o acesso à saúde e a profissionais capacitados na temática de suicídio. A publicação (A5) salienta a importância da atuação do enfermeiro como um profissional que é empenhado no cuidado do ser humano em sua integralidade, na busca por construir trabalhos em prevenção, promoção de saúde mental e posvenção. Portanto, é imprescindível que o tema de suicídio em sua complexidade seja inserido na formação de enfermeiros e profissionais de saúde. Esse artigo aborda que no acompanhamento profissional a esses familiares é importante o acolhimento, o enfoque nos impactos decorrentes da perda, levando-se em conta a individualidade do enlutado, assumindo um diálogo aberto e genuíno para que caminhem em busca de um sentido para a perda e consigam seguir adiante.

Diante do que foi pesquisado, a publicação (A2) aponta que não existe muitos serviços e cuidados disponíveis para as pessoas sobreviventes ao suicídio, por ser uma temática não muito conhecida no Brasil. Portanto, (A6) aborda que muitos sobreviventes não sabem o que significa posvenção e por isso não estão em busca desse suporte, por não saber onde encontrá-lo. Apesar disso, no artigo (A7) salienta que há um empenho nacional em desconstruir o tabu ainda existente, revelando o suicídio como ele de fato é, ou seja, mostrando que se trata de uma questão de saúde pública que necessita de pesquisas e práticas pertinentes para a redução do número de casos. Considerando isso, o suicídio é conhecido como um problema de saúde pública no Brasil, porém as pesquisas relacionadas a como manejar esse fenômeno são escassas. Além disso, poucos são os programas governamentais de qualificação profissional para a atuação em casos de suicídio.

O artigo (A8) aborda que assuntos relacionados a morte de si e do outro e, principalmente, o suicídio são poucos discutidos na formação dos profissionais de saúde. Traz um questionamento acerca desse fato, pois já que pouco se ensina sobre o trabalho intradisciplinar em relação a esse tema, tampouco há discussões relevantes sobre a importância da interdisciplinaridade, pois o que dificulta os conhecimentos são as poucas pesquisas e discussões. Já no artigo (A7) menciona que para ocorrer as ações de prevenção e posvenção é imprescindível o diálogo da equipe como um todo em um trabalho interdisciplinar, pois com os saberes de cada área é possível ter uma amplitude de cada caso para se chegar ao manejo mais adequado.

4 DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos neste estudo, infere-se que de fato, assim como não se deve limitar a compreensão do comportamento suicida a meras considerações, o luto por suicídio também não deve ter somente uma explicação, pois ele envolve diferentes dimensões. Deve-se considerar que a vivência

do luto é subjetiva, pois depende tanto de fatores internos, como os relacionais obtidos durante a vida e que influenciam na forma como lidar com o enlutamento (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016). Ademais, vale ressaltar que o luto por suicídio possui especificidades que afetam diretamente os enlutados. Dessa maneira, vivenciar esse processo se distingue dos outros tipos de luto, pois é evidente a sua diferenciação no que se refere a intensidade, estigma, duração e a possibilidade maior em desenvolver um adoecimento (SCAVACINI, 2018a).

4.1 O processo de luto e suas particularidades

Os enlutados por suicídio são definidos por algumas literaturas como “sobreviventes”, considerando que apesar do sofrimento pela perda, há alguém que sobrevive. Sobrevive, no sentido de ir em busca de uma existência resignificada (DANTAS, 2021). Sendo assim, engloba aquelas pessoas que são diretamente impactadas, sejam elas amigos, familiares ou profissionais (FUKUMITSU et al., 2015).

Geralmente, no enfrentamento do processo de luto, os sobreviventes apresentam raiva, rejeição, isolamento, autoacusação, ansiedade, desamparo, saudade, tristeza, necessidade de uma resposta para o ato do falecido, muitas das vezes se isolam, sentem vergonha e evitam falar sobre suas emoções e pensamentos (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016).

Posto isso, deve-se considerar o quanto é importante compreender as particularidades envolvidas no luto por suicídio. Quando esse tipo de morte acontece, suscita nas pessoas a busca pelos motivos da ocorrência (SCAVACINI et al., 2020) e, dessa forma, o sujeito que morreu é condenado socialmente, assim como a própria família (CFP, 2013). Sendo assim, além do luto, o sobrevivente lida com o estigma, que inclui a culpa, pena e o julgamento (FUKUMITSU et al., 2015). Portanto, em meio a essas questões, se percebe no sobrevivente, o isolamento e o silêncio para desviar de certos constrangimentos, o que prejudica a vivência e elaboração do luto (CFP, 2013; FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016).

Um das particularidades do luto por suicídio é a busca contínua por respostas do porquê esse fato aconteceu (SCAVACINI et al., 2020), o enlutado pode apresentar dificuldades em compreender o suicídio, permanecendo com mais perguntas que com respostas (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016).

O enlutado, ao apresentar o sentimento de culpa, traz consigo questionamentos por não perceber os comportamentos ou a ideação suicida a tempo, dessa forma, se responsabiliza pela morte do indivíduo. Evidentemente, esse critério propicia ao indivíduo a necessidade de autopunição, podendo ser de maneira intensa e se tornando um processo doloroso que lhe impeça de seguir a vida. Com isso, a ideia de suicídio pode se manifestar no sobrevivente com a intenção de matar a culpa existente (CASSORLA, 2017).

De acordo com o texto “Somos os amigos que não gostaríamos de ter” do grupo de apoio do Vita Alere (CESCON, 2019) a vivência com a dor emocional do suicídio da pessoa querida é profunda em muitos indivíduos. Entretanto, o luto não perdura para sempre, já que vai sendo modificado conforme o sujeito lida com ele. Sendo assim, para Fukumitsu e Kovács (2016), o sobrevivente enlutado precisa encarar e lidar com a ausência do ente querido. Dessa ausência, pode surgir a vontade de restabelecer o laço com o morto, ou seja, a “orientação para a perda” e ao mesmo tempo, busca-se restaurar a vida. É necessário elaborar ajustamentos para lidar com a nova realidade e ir em busca de novos caminhos na vida, o que não significa dizer que isso é uma desonra a pessoa que morreu. Conseqüentemente, o processo de enlutamento é gradual e difícil.

A medicalização é vista pela sociedade como a resolução dos problemas, e isso não é diferente com os familiares enlutados pelo suicídio, já que muitos sobreviventes informam não saber sobre a existência de programas de apoio aos enlutados ou afirmam que não há em sua cidade e, quando existe, não é colocado em prática. Dessa forma, alguns indivíduos escondem os sentimentos e utilizam medicamentos como uma saída mais fácil para lidar com o enfrentamento do luto (SCAVACINI, 2018a; OLIVEIRA; FARIA, 2019).

Portanto, os sofrimentos e as dificuldades que são enfrentadas pelas famílias sobreviventes, não podem ser deixadas de lado, pois todo o luto precisa ser olhado com acolhimento e cuidado, visto que os sobreviventes muitas vezes não se sentem fortes o bastante para dar continuidade a vida (GURGEL; CARVALHO, 2019).

4.2 A importância da posvenção e seu funcionamento no Brasil

A posvenção refere-se a qualquer movimento, depois de um suicídio, que proporciona intervenções de suporte ao enlutando, possibilitando a prevenção de outro ato ou tentativa de suicídio. Sendo assim, trata-se de um componente importante para o cuidado dessas pessoas (FUKUMITSU, et al., 2015; SILVA, 2018).

Posto isso, é importante que ocorram estratégias de posvenção, pois a partir daí ocorrerá a observação dos comportamentos, a forma de viver que muitas vezes está atrelada às mudanças de humor, à falta de vontade em estar em contato e interação social, além da presença de autolesões e o risco de suicídio (SUNDE; PAQUELEQUE, 2021). Dessa forma, essas ações se tornam um trabalho de prevenção, pois um dos fatores de risco ao suicídio é a perda de alguém próximo (OLIVEIRA; FARIA, 2019).

Vale ressaltar que os sobreviventes podem vivenciar a lida e o atravessamento do luto, com ou sem ajuda de profissionais, mas é relevante dizer, que a posvenção, ou seja, ações de apoio e assistência aos impactados pelo suicídio, trata-se de um instrumento mundial, que é considerado como uma peça

chave para o ajuste da saúde mental dessas pessoas (SCAVACINI, 2018a). Apesar de ainda não ser uma temática muito discutida no Brasil, há algumas políticas de posvenção no país (SILVA; TEIXEIRA, 2021).

Oliveira e Faria (2019), mencionam que grande parte dos trabalhos de posvenção realizados no Brasil são desempenhados por organizações não governamentais, ou seja, há uma escassez de trabalhos nesse campo quando se refere às políticas públicas de saúde, inclusive, a saúde mental. Portanto, é necessário que haja uma politização e conscientização acerca dos aspectos relacionados ao suicídio a nível público e profissional (FUKUMITSU, et al., 2015).

A posvenção, termo criado pelo suicidologista Edwin Shneidman, foi inserido no Brasil em 2011, por meio da dissertação de mestrado de Karen Scavacini (SCAVACINI, et al., 2020). Para Scavacini (2011), no contexto de perda por suicídio, há chances de que o sobrevivente desenvolva o luto traumático e complicado. Portanto, serviços de posvenção são fundamentais, pois contribuem para a redução de aspectos negativos do luto e, conseqüentemente, reduzem alguns fatores de risco. Dessa forma, deve-se incluir a posvenção nas estratégias de prevenção do suicídio.

Em 2013, foi criado por Karen Scavacini, o Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, com diversas propostas de atuação, entre elas um espaço de atendimentos, pesquisa e ensino, além de proporcionar a prevenção e a posvenção através da disseminação de informações, conscientização, suporte e tratamento. Um dos objetivos do instituto é qualificar profissionais de saúde para manejo de crises suicidas, além de expandir programas de prevenção e posvenção, em espaços como escolas, hospitais, empresas e universidades. Dessa forma, esse instituto possui a missão de amenizar o sofrimento de pessoas que apresentam comportamentos suicidas e luto por suicídio, através do apoio psicológico e psiquiátrico (SCAVACINI, 2018b).

Esse instituto também criou os grupos de apoio aos enlutados, que teve início em 2014, mas foi a partir de 2016 que os sobreviventes de tentativas, começaram a frequentá-lo de forma constante (SCAVACINI et al., 2019). Com a pandemia de COVID-19, o instituto realiza encontros virtuais, possibilitando essa rede de conectividade (VITA ALERE, 2017).

Outra instituição engajada em serviços de posvenção no Brasil, é “O Centro de Valorização da Vida - CVV”, criado em 1962 em São Paulo. O CVV se dispõe de forma voluntária e gratuita, a fornecer suporte emocional aos sobreviventes, além de ações de prevenção do suicídio (CVV, 2017a). Através do CVV Comunidade, são disponibilizados, os grupos de Apoio aos Sobrevivente de Suicídio (GASS), destinados tanto para quando o suicídio é consumado, quanto para quando ocorre tentativas (CVV, 2017b). O CVV, também criou o grupo de apoio aos sobreviventes do suicídio anônimo (GASSA), em São Paulo, que se trata de um espaço de apoio emocional, de forma sigilosa e gratuita (VITA ALERE, 2017).

Segundo Kreuz e Antoniassi (2020), os grupos de apoio são meios essenciais de suporte emocional, onde há a validação, o compartilhamento e o acolhimento ao sofrimento dos sobreviventes. Sendo assim, é o lugar de escuta a um assunto marcado pelo tabu, que muitas vezes não é falado, por se tratar de algo repulsivo para a sociedade e até mesmo para o próprio sujeito. Nota-se que, no grupo, as

experiências emocionais são visualizadas como possíveis e aceitáveis, já que de certa forma, todos se reconhecem na história traumática de uma perda. Portanto, o grupo de apoio propicia a elaboração do sentido da perda, que resulta em um caminho de ressignificação.

Ainda segundo as autoras acima, esse espaço acolhe cada sujeito em sua dor que é única, mas ao mesmo tempo, agrupa uma dor que é coletiva pelo contexto do luto. O movimento de escuta e de falas dentro do grupo, provoca a identificação de sentimentos parecidos e a noção de que eles podem ser expressos. Sendo assim, ocorre entre os sobreviventes um laço sem julgamento, de segurança e empatia.

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) institui políticas de posvenção e também de prevenção ao suicídio, portanto o cuidado e a atenção às famílias de usuários são um dos serviços de prevenção e posvenção mais usado nesse centro. O CAPS se dispõe a incluir a família de forma ativa no tratamento do usuário, fornecendo escuta, acolhimento e informações através de Grupos de apoio compostos por familiares dos usuários. Sendo assim, ao mesmo tempo que a família exerce um apoio na restauração da saúde mental do indivíduo, também usufrui de informações e acolhimento ao seu sofrimento, como forma de promoção a saúde mental, uma vez que são afetados pelo peso da violência do suicídio e estão fragilizadas emocionalmente (MULLER; PEREIRA; ZANON, 2017).

No estudo realizado pelas autoras citadas anteriormente, foi possível verificar a relevância das políticas públicas frente a esse problema de saúde pública, que é o suicídio. Deve-se investir na qualificação dos profissionais de saúde e, portanto, em propagações de informações sobre práticas de prevenção e posvenção para a população, a fim de que esse assunto seja mais discutido e desse modo, menos casos de suicídio aconteçam. Além disso, os profissionais que trabalham nesses casos, necessitam e devem ser acompanhados por serviços psicológicos para que suas funções sejam realizadas com êxito.

4.3 Profissionais de saúde em ações de posvenção

Os profissionais de saúde são fundamentais para as ações de minimização do impacto e sofrimento provocado pelo suicídio. Esses profissionais devem se preparar para oferecer apoio a familiares e amigos sobreviventes, considerando as necessidades de cada um e, assim, devem proporcionar um ambiente adequado para promover um atendimento satisfatório, através da escuta empática, possibilitando que o indivíduo apresente suas queixas emocionais e se sinta compreendido (BOTEGA, 2015).

Segundo Fukumitsu e Kovács (2015), o profissional de psicologia atua como um facilitador no processo que o enlutado enfrenta para se recompor após a morte de alguém querido. Dessa maneira, eles são necessários em mediar os sobreviventes a uma reconciliação com a vida (OLIVEIRA; FARIA, 2019). Esses profissionais podem contribuir com suas competências, utilizando diferentes modalidades, como: atendimentos psicoterapêuticos individuais ou grupais, atividades psicoeducativas, a oferta de

cursos que ajudem os profissionais a lidar com situações de crises e também os grupos de apoio aos enlutados (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2015).

É interessante que se busque por diversas alternativas de modalidades, para aplicar a posvenção e, portanto, acolher o sofrimento do sobrevivente em um momento de crise. Uma modalidade que poderia ser relacionada com a posvenção e utilizada pelos psicólogos é o Plantão psicológico (SILVA, 2018). O plantão psicológico se trata de um atendimento breve e urgente, no momento da necessidade do indivíduo (GOMES, 2008). Utilizar essa ferramenta amplia o acesso a serviços psicológicos gratuitos, já que os plantões em sua maioria são nesse formato, dessa forma, favorece aos sobreviventes esse espaço de cuidado com profissionais. Além disso, o plantão psicológico, apesar de ser um único atendimento, propicia uma escuta que considera os limites necessários para o sobrevivente que fica diante das recordações e conteúdos relacionados às vivências dolorosas. (SILVA, 2018).

Para a atuação do psicólogo no trabalho de posvenção, é importante que se tenha uma perspectiva multifatorial, percebendo e respeitando a singularidade de cada enlutado, facilitando o enfrentamento do processo de luto e as adversidades que este pode causar. Caso note que a demanda não está sendo suprida apenas com a psicologia, é imprescindível o apoio da rede multidisciplinar e interdisciplinar (SILVA; TEIXEIRA, 2021).

É notório que os profissionais de saúde precisam ter um compromisso maior na temática do suicídio, aprimorando as reflexões sobre os mecanismos de enfrentamento a serem utilizados no acolhimento ao luto dos sobreviventes. Vale destacar o quanto é importante que esse tema seja inserido na formação de psicólogos e outros profissionais de saúde, pois no Brasil apesar da grande incidência de mortes por suicídio e, conseqüentemente, inúmeras pessoas vivenciando esse tipo de luto, a posvenção ainda não é um termo bem conhecido. Dessa forma, é preciso que se tenha uma divulgação maior, para que com esse conhecimento sejam criados serviços direcionados a essas pessoas que estão em intenso sofrimento (FUKUMITSU; KOVÁCS, 2016).

Em um estudo encontrado sobre o conhecimento necessário para o manejo com a morte, percebeu-se que dentre dezoito profissionais de saúde apenas nove tinham fundamentos e base técnica para comunicação de más notícias, sobre luto e luto antecipatório, sobre as reações diante de perdas e uma visão em relação a finitude (FERREIRA, et al., 2013). Esses conhecimentos são imprescindíveis para a atuação do profissional de saúde, visto que em um certo momento pode receber demandas como essas e também se tornar um sobrevivente de suicídio. Vivenciar a perda por suicídio de um paciente, repercute no psicoterapeuta a sensação de impotência e fracasso, pois antes desse fato acontecer entende que tem o poder de garantir a vida do cliente a todo custo. No entanto, o profissional deve revelar sua potência, ou seja, pensar que cada sujeito deve assumir suas responsabilidades existenciais e que seu papel é encorajar o cliente na busca de uma existência com sentido (FUKUMITSU, 2014).

Segundo Ruckert et al. (2019), é preciso que haja estudos para ajudar a guiar os profissionais que trabalham com os sobreviventes e também no que se refere às providências após o suicídio do

paciente, pois existe um plano nacional de prevenção de novos casos, porém não há orientações da postura e atitudes que devem ser tomadas após a morte desse indivíduo. As diretrizes existentes não englobam os critérios da posvenção, deste modo, estão incompletas, ademais, é notório e vale enfatizar novamente, que nesse país onde há alto índice de suicídio, conseqüentemente há um aumento de sobreviventes e profissionais que precisam de orientação, pois as pesquisas existentes são insuficientes o que indica a precisão de que novos estudos sejam realizados sobre a posvenção.

O que se percebe é que há uma escassez de estudos referente a intervenções de posvenção e, com isso, as informações de como se dar o manejo adequado frente as demandas relacionadas ao luto por suicídio são rasas e insuficientes nas literaturas (BETTI, 2020). Além desse fator, há poucas ou nenhuma política de posvenção espalhadas nos estados do Brasil, e isso se torna um indicativo do quanto é extremamente preciso que essas políticas sejam discutidas e criadas, pois há um aumento de casos de suicídio no Brasil, que proporciona um fator de risco para que novos suicídios aconteçam com as pessoas que são impactadas pela perda, fazendo com que esse problema se torne muito maior ao decorrer dos anos (SILVA; TEIXEIRA, 2021).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2021, realizou uma pesquisa sobre a atuação do psicólogo em situações de suicídio, com intuito de elaborar um documento de orientação para o exercício profissional. Apesar de ainda não ter sido divulgado o resultado, nota-se o interesse do órgão em qualificar e orientar os psicólogos que trabalham com vítimas, familiares e políticas públicas que se deparam com esses casos. (OLIVEIRA et al., 2021) Segundo Silva (2013), há poucas disciplinas na graduação de psicologia sobre o suicídio, o que de certa forma atrasa o conhecimento do fenômeno, impossibilitando uma preparação antes mesmo da formação.

De acordo com Cornejo (2018), a falta de conhecimento sobre o luto por suicídio é muito presente por toda a sociedade. Logo, se faz necessário o desenvolvimento de políticas públicas no contexto da posvenção, pois é importante amplificar a rede de apoio aos sobreviventes, com profissionais capacitados e éticos para trabalhar com essa demanda e oferecer um suporte ao enlutado por suicídio. É importante levar em consideração que a atuação do psicólogo deve se basear nos princípios fundamentais inclusos no código de ética profissional do psicólogo, o qual preconiza que “O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP, 2005, p.7), função que deve estar também associada ao combate ao suicídio. Isso quer dizer que a atuação do psicólogo, nas tarefas de posvenção, é extremamente necessária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O despertar para que houvesse a concretização dessa pesquisa se deu por meio da participação em um curso Online e gratuito sobre a prevenção e posvenção do suicídio. Primeiramente, houve

surpresa diante da palavra “posvenção”, pois era algo novo ao nosso conhecimento, logo se instaurou um encantamento pelas propostas abordadas, pois já tínhamos a noção do quanto o suicídio é impactante, mesmo quando não acontece com alguém tão próximo, mas não havíamos pensado sobre a vivência de luto diante dessa morte.

Percebemos, a partir daí, o quanto há um déficit na formação acadêmica de psicólogos no Brasil, pois poucas são as disciplinas na grade curricular relacionadas à morte, suicídio e luto. Se nunca houve um debate sobre a posvenção na nossa Universidade, muito provavelmente que outros estudantes também não tiveram a oportunidade de entrar em contato com esse tema. Posto isso, a presente pesquisa buscou viabilizar esses conhecimentos dentro da academia, para que os futuros profissionais de saúde tenham uma formação mais completa, e que favoreça o despertar para a busca de mais conhecimentos. É relevante abordar que, ainda que alguns profissionais de psicologia não queiram se especializar na área da tanatologia, é inevitável que demandas como a do luto por suicídio apareçam na clínica ou em outra área de trabalho.

Ao longo das pesquisas, nos sentimos cada vez mais mobilizadas para realmente nos dedicarmos e compartilharmos conhecimentos acerca do tema. Sabe-se que um dos empecilhos para que esse assunto seja discutido, é o tabu enraizado na sociedade ao passar dos anos. Esse fato propicia um prejuízo tanto na disseminação de informações relevantes sobre o assunto, quanto na forma de vivenciar o processo de luto pelos sobreviventes. O que estamos fazendo ao produzir esse trabalho, é a desconstrução gradual do estigma relacionado ao luto por suicídio.

Uma questão levantada por nós, durante a pesquisa, é se de fato o luto por suicídio se diferencia dos outros. Obviamente, não devemos minimizar nenhum tipo de luto, mas em meio a um problema de saúde pública que é o suicídio, é extremamente importante que tenhamos um olhar mais apurado, mais cuidadoso e humano diante de todo o contexto onde cada suicídio acontece. Dessa forma, sabemos o quanto foi interessante explorar esse assunto, para entender o funcionamento desse tipo de luto. Através das pesquisas, notamos que o luto por suicídio possui especificidades que aumentam a chances de um adoecimento se instaurar nesses sobreviventes, ou seja, realmente é um processo diferente que, se não acolhido, pode gerar danos maiores à vivência dessas pessoas.

Entender sobre o suicídio, o processo de luto e suas especificidades, faz com que tenhamos mais empatia pelas histórias dos sobreviventes, carregadas de dor, de culpa, de questionamentos e de outros tantos sentimentos ambivalentes. Portanto, nos colocamos em uma posição de reflexão acerca da nossa prática profissional, que tanto se propõe a cuidar e zelar pelo bem estar dos outros, mas em contrapartida, como percebido durante a pesquisa, ainda não se tem um compromisso tão grande quando nos referimos ao luto do sobrevivente e a construção de tarefas de posvenção.

Um fato que deve ser mencionado, é a escassez das pesquisas científicas referente ao luto do sobrevivente e a posvenção, visto que elas são relevantes para que tenhamos bases concretas que facilitem o entendimento da temática, além de possibilitar que, enquanto profissionais de saúde,

tenhamos um sustento científico que assegure uma prática mais condizente com o fenômeno. O que se percebe é que as literaturas não trazem uma abrangência sobre as estratégias e manejos adequados, que devem ser realizados no trabalho de posvenção. Além de que, os estudantes ou profissionais de psicologia pouco escrevem sobre o tema, cedendo espaço para que outros profissionais de saúde abordem o que na verdade eles deveriam ter propriedade e local de fala.

A presente pesquisa, além de servir como um agente de comunicação para os profissionais de saúde, também está direcionada a população em geral, visando contribuir de alguma maneira com a conscientização dessas pessoas, para que os estigmas, julgamentos e preconceitos relacionados ao suicídio sejam rompidos dessa sociedade. Também, caso os enlutados sobreviventes tenham acesso à essa pesquisa, propiciará a estes, a busca pelo suporte adequado, pois alguns institutos e propostas de posvenção ofertadas por eles estão aqui expostos.

Desejamos que nossa pesquisa feita com tanta dedicação, saia do papel e seja transformada em prática. Queremos fazer valer a nossa função enquanto psicólogas, buscando por especializações, abrindo espaços dedicados ao cuidado desses enlutados, tanto na clínica em um trabalho individual, quanto por meio de grupos de apoio.

Ao fazer uma análise dos artigos encontrados, percebemos que o suicídio é um assunto importante principalmente na saúde pública, onde às ações são mais direcionadas para a prevenção. Dessa forma, há uma escassez de artigos que descreva a posvenção do suicídio e suas estratégias na atenção básica de saúde, visto que é uma tarefa necessária para ofertar uma escuta atenta, por meio de um espaço que possa auxiliar o sobrevivente na sua elaboração de luto, prevenindo sofrimentos futuros.

Através do estudo, percebemos a necessidade de cada vez mais, conscientizar a sociedade sobre a posvenção, que tem como função acolher, entender e respeitar o processo de luto que o sobrevivente está vivenciando, visto que, o medo, a culpa, a vergonha, os questionamentos e a não aceitação geram um sofrimento que provoca riscos, como transtornos mentais ou até mesmo pensamentos suicidas. Portanto, cabe enfatizar sobre a relevância da capacitação emocional dos profissionais de saúde para lidar com a situação e oferecer um acolhimento, uma informação que possa amenizar o sofrimento, a angústia e melhorar a saúde mental do sobrevivente, mesmo diante da dor, já que muitos familiares se sentem desamparados por não encontrar um suporte profissional.

Por meio da literatura encontrada, ficou evidente que o suicídio está presente no nosso dia-dia há muito tempo e está em todas as culturas, mesmo assim, não existem programas governamentais para dar um suporte de qualidade aos sobreviventes, que vivenciam a dor da perda por um longo período de tempo, isso gera uma sobrecarga muito grande nos profissionais de saúde que acompanha esses enlutados.

Podemos concluir que os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que exploramos sobre as especificidades presentes no processo de luto por suicídio e sobre como a posvenção é necessária para a ressignificação desse luto. Além disso, relatamos sobre o papel dos profissionais de saúde em

ações de posvenção, dando ênfase aos psicólogos, apesar de ser um assunto pouco abordado nas literaturas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.
- ANTONIASSI, R. P. N.; RODACOSKI, G. C.; FIGE, F. C. Propostas de ações do comitê de prevenção e posvenção do suicídio em uma Secretaria Municipal de Saúde. *Rev. Saúde Pública, Paraná*, v. 2, p. 11-25, jul. 2019. Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/238/25954482-2019v2supl2p11> Acesso em: 28 Mar. 2022
- BETTI, Estéfani. Prevenção e posvenção do suicídio: Cuidados que os serviços de saúde oferecem aos enlutados por suicídio. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2872/1/Est%C3%A9fani%20Kerolin%20Betti.pdf> Acesso em: 17 Mai. 2022.
- BOTEGA, N. J. Crise suicida: Avaliação e manejo. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- BRUM, C. N. et al. Revisão Narrativa da Literatura: aspectos culturais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. In: Lacerda, M. R., & Costenaro, R.G. S (org.). *Metodologias da pesquisa para enfermagem e saúde*. 1ª ed. Porto Alegre: Moriá, p. 123-142, 2015.
- CÂNDIDO, A. M. O enlutamento por suicídio: elementos de compreensão clínica da perda. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. 2011_ArturMamedCandido.pdf (unb.br) Acesso em: 18 Mai. 2022.
- CASSORLA, R. M. S. Suicídio: Fatores Inconscientes e Aspectos Socioculturais: uma introdução. São Paulo: Editora Blucher, 2017.
- CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. O CVV. 2017a. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/o-cvv/>. Acesso em: 11 Mai. 2022.
- CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV). CVV Comunidade. 2017b. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/cvv-comunidade/>. Acesso em: 11 Mai. 2022.
- CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. Falando abertamente sobre suicídio. 2017c. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Cartilha-Falando-Abertamente-2020-vers%C3%A3o-impress%C3%A3o-A4.pdf>. Acesso em: 23 Mai. 2022.
- CESCON, L. F. Sobre o que tenho aprendido com sobreviventes enlutados. In: SCAVACINI, K. *Histórias de Sobreviventes do Suicídio*. São Paulo: Benjamin, 2019. V. 2, p. 57-60. Disponível em: https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Ebook_Histo%CC%81rias-de-sobreviventes-do-suici%CC%81dio-2_Karen-Scavacini.pdf. Acesso em: 29 Abr. 2022.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, Código de Ética Profissional. Resolução Nº 010/05. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf. Acesso em: 18 Mai. 2022.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. O suicídio e os desafios para a psicologia. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 06 Mai. 2022.
- COOK, F.; JORDAN, J. R.; MOYER, K. Responding to grief, trauma, and distress after a suicide: survivors of suicide loss task force: US national guidelines, 2015. Disponível em: <https://sprc.org/>. Acesso em: 23 Mai. 2022.
- CORNEJO, E. R. Luto por suicídio: a jornada dos sobreviventes. In: SCAVACINI, K. *Histórias de Sobreviventes do Suicídio*. São Paulo: Benjamin, 2018. V. 1, p. 61-68. Disponível em: https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Ebook_Historias-de-sobreviventes.pdf. Acesso em: 06 Mai. 2022.
- DANTAS, Eder Samuel Oliveira. Fukumitsu KO. Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções. *Ciência & Saúde coletiva*. v. 26, n. 02, Fev. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZPBkx6xNHqFW7zLqkTBhNgb/?lang=pt>. Acesso em: 04 Mai. 2022.
- DE FEIJOO, A. M. L. C. Situações de suicídio: Atuação do psicólogo junto a pais enlutados. *Psicologia em estudos*. Rio de Janeiro, v. 26, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qxhP9NhBk9wQcJPnjkgCZJq/>. Acesso em: 29 Mar. 2022
- DUTRA, K.; PREIS, L.C.; CAETANO, J.; SANTOS, J. L.G.; LESSA, G. Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Santa Catarina, v. 71, p. 2274- 2281, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JhkjkrN5nqtscy4YdGZFYVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 Mar. 2022.
- FERRACIOLI, N. G. M.; OLIVEIRA, W. A.; CARDOSO, E. A. O.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; RISK, E. N.; SANTOS, M. A. Comportamento suicida: O paradoxo vida e morte em meio à pandemia de covid-19. *Estudos interdisciplinares em psicologia*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 75-98, ago. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/41268/30452>. Acesso em: 26 Mar. 2022.

- FERREIRA, R. A.; LIRA, N. D. P. M.; SIQUEIRA, A. L. N.; QUEIROZ, E. Percepções de psicólogos da saúde em relação aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes diante da morte. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 65-75, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100005. Acesso em: 13 Mai. 2022.
- FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 270-275, Set/Dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/dn4bjQ5DWvmVx5RkWH6HS7w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 Mai. 22.
- FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. O luto por suicídios: uma tarefa da posvenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador-Bahia, v. 02, p. 41-47, Jul./ Dez. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/47869689-0-luto-por-suicidios-uma-tarefa-da-posvencao.html>. Acesso em: 13 Mai. 2022.
- FUKUMITSU, K. O.; ABILIO, C. C. C.; LIMA, C. F. S.; GENNARI, D. M.; PELLEGRINO, J. P.; PEREIRA, T. L. Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador- Bahia, v.2, p. 48-60, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322792019_Posvencao_uma_nova_perspectiva_para_o_suicidio_Postvention_a_new_perspective_for_a_suicide. Acesso em: 01 Mai. 2022.
- FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*. Porto alegre, v. 47, n. 01, p. 3-12, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>. Acesso em: 01 Mai. 2022.
- GOMES, Fernanda Maria Donato. Plantão psicológico: novas possibilidades em saúde mental. *Revista da SPAGESP*. Ribeirão Preto, v.9, p. 49-56, Jan./Jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v9n1/v9n1a07.pdf> Acesso em: 13 Mai. 2022.
- GURGEL, G. A.; CARVALHO, D. B. Cuidado à família enlutada: Uma ação pública necessária. *Saúde em debate*. Rio de Janeiro, v. 43, n. 122, p. 805-818, Jul./ Set. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n122/805-818/>. Acesso em: 06 Mai. 2022.
- KREUZ, G.; ANTONIASSI, P. P. N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 25, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFNP8ryqB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 Mar. 2022.
- MULLER, S. D. A. M.; PEREIRA, G.; ZANON, R. B. Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 9, p. 6-23, Jul/Dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v9n2/02.pdf>. Acesso em: 06 Abr. 2022.
- OLIVEIRA, J. V. B.; AMORIM, L.; JACINTO, P. M. D. S. Revisão integrativa de literatura sobre suicídio: Repercussões nas famílias e atuação dos profissionais de saúde. *Boletim de conjuntura (BOCA)*, Boa vista, v. 7, n. 21, p. 103-116, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5525086>. Acesso em: 09 Mai. 2022.
- OLIVEIRA, L. M.; FARIA, H. M. C. O impacto Psicossocial do suicídio nos familiares sobreviventes. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v.1, n. 2, p. 536-555, Ago./Dez. 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/download/2508/1641>. Acesso em 07 Mai. 2022.
- ROCHA, P. G.; LIMA, D. M. A. Suicídio: Peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Rev. Psicologia Clínica, Luto e Suicídio: atuação do psicólogo*, Rio de Janeiro, v.31, n.2, p. 323 – 344, mai-ago/2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v31n2/07.pdf>. Acesso em: 23 Mar. 2022
- RUCKERT, M. L. T.; FRIZZO, R. P.; RIGOLI, M. M. Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 85-91, jul. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v15n2/v15n2a02.pdf>. Acesso em: 22 Mar. 2022
- SCAVACINI, K.; CORNEJO, E. R.; CESCÓN, L. F. Grupo de apoio aos enlutados por suicídio: Uma experiência de posvenção e suporte social. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro, v.4, p. 201-214, jan./jun. 2019. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.201-214>. Acesso em: 14 Mai. 2022.
- SCAVACINI, K.; CORNEJO, E. R.; CESCÓN, L. F.; GUEDES, I.; CACCIACARRO, F.; MOTOYAMA, E. P. Posvenção: orientações para o cuidado ao luto por suicídio. Instituto Vita Alere de prevenção e posvenção do suicídio, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Cartilha-Posvencao-e-Cuidado-ao-Luto-por-Suicidio-Vita-Alere.pdf>. Acesso em: 22 Mar. 2022.
- SCAVACINI, Karen (Org.). Histórias de sobreviventes do suicídio. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial, 2018b. Disponível em: https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Ebook_Historias-de-sobreviventes.pdf. Acesso em: 01 Mai. 2022.
- SCAVACINI, Karen. Como falar de forma segura sobre suicídio. Instituto Vita Alere de prevenção e posvenção do suicídio, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2019/09/425263625-Como-Falar-de-Forma-Segura-Sobre-Suicidio.pdf>. Acesso em: 16 Mai. 2022.
- SCAVACINI, Karen. O suicídio é um problema de todos: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio. 2018a. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26102018-155834/publico/scavacini_do.pdf. Acesso em: 13 Mai. 2022.
- SCAVACINI, Karen. Suicide survivors support services and postvention activities: The availability of services and an interventions plan in Brazil. 2011. Tese de Doutorado. Dissertation (Master Program in Public Health). Department of Public Health Sciences, Karolinska Institutet, Stockholm, 2011. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/download/suicide-survivors-support-services-and-postvention-activities.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2022.

- SERRA, A. P. E.; FREITAS, J. L. Luto materno no suicídio: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades. Revista Nufen: Phenom. Interd. Belém, v. 12, n. 3, p. 19-37, set-dez., 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n3/a03.pdf>. Acesso em: 03 Abr. 2022.
- SILVA, Letícia Aparecida Santos da; TEIXEIRA, Thales Souza. O LUTO DO SOBREVIVENTE: Contribuições da atuação do psicólogo com enlutados por suicídio. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14129/9/TCC%20Let%20C3%ADcia%20Aparecida%20Santos%20da%20Silva%20e%20Thales%20Teixeira.pdf>. Acesso em: 11 Mai. 2022.
- SILVA, Lúcia Cecília da. Suicídio: o luto dos sobreviventes. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP). Suicídio e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, p. 45 – 58. ou p. 61, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 14 Mai. 2022.
- SILVA, Mariana do Nascimento. Psicologia e Pós-venção ao suicídio em São Luís - MA. Monografia. (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jsui/bitstream/123456789/3088/1/MARIANA-SILVA.pdf>. Acesso em: 04 Abr. 2022.
- SUNDE, R. M.; PAQUELEQUE, D. M. A.; Prevenção e pós-venção do suicídio: Relatos de parentes de pessoas que morreram por suicídio. Revista psicologia e saúde em debate. v. 7, n. 1, p. 1-14, jan. 2021. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/713>. Acesso em: 03 Mai. 2022.
- VITA ALERE. Grupo de sobreviventes. 2017. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/sobre-o-suicidio/posvencao/grupo-de-sobreviventes/>. Acesso em: 27 Abr. 2022.
- World Health Organization. Suicide. World Health Organization, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 03 Abr. 2022.

Recebido em: 28 de janeiro de 2023
Avaliado em: 06 de fevereiro de 2023
Aceito em: 10 de junho de 2023

- ¹ E-mail: rayaneribeiro psicologia@gmail.com
² E-mail: mairaellen96@gmail.com
³ E-mail: jacqueline.caldeira@souunit.com.br